

FIERGS

BALANÇO

2019

2020

PERSPECTIVAS

Se para a **economia global o melhor já passou**, tendo em vista a aproximação do fim de um longo ciclo de crescimento, no caso do **Brasil, o pior já passou**. Após a maior recessão da história, o País começa a enfrentar problemas estruturais e a expectativa é de melhora. Em 2019, o foco do debate econômico esteve na discussão da Reforma da Previdência, sinalizando comprometimento na solução do déficit fiscal sem rupturas com a estabilidade econômica. O crescimento da economia, no entanto, foi frustrante. No próximo ano, a taxa de juros mais baixa e a continuidade da agenda de reformas deve possibilitar a recuperação mais intensa das atividades produtivas.

Em 2019, o **cenário externo** refletiu os impactos da guerra comercial entre EUA e China sobre o comércio internacional e o aumento generalizado da percepção de risco pelos agentes. Em decorrência desses elementos, os indicadores de atividade global demonstraram o enfraquecimento da economia mundial, dando uma noção clara do ritmo de desaceleração durante todo o ano de 2019. Esse cenário, aliado ao comportamento favorável da inflação, possibilitou a retomada do ciclo de cortes de taxas de juros, liderada pelo Banco Central dos EUA.

Para 2020, a expectativa de crescimento mundial é na ordem de 3,4%, resultado um pouco superior aos 3,0% esperados nesse ano. Contudo, no médio prazo, a perspectiva é de entrada num processo de desaceleração, se comparado ao ritmo de expansão visto na última década.

O crescimento da **economia brasileira** em 2019 deve ser de apenas 1,1%. No final de 2018, a expectativa era de que a retomada ocorresse de maneira mais vigorosa. Diversos fatores impediram a concretização desse cenário, em que se destacam: a queda da demanda externa (especialmente da Argentina); o patamar das taxas de juros ainda elevado e insuficiente para estimular a economia; e a incerteza em relação à aprovação da Reforma da Previdência.

O ano de 2019 foi marcado por medidas que caminham na direção do ajuste das finanças públicas do País, apesar do sexto ano consecutivo de *déficit* primário, pressionado pelo crescimento vigoroso das despesas obrigatórias. Como consequência, a dívida pública deve ultrapassar 80% do PIB no final do ano, deixando o País com uma margem muito reduzida para investimentos e políticas de estímulos de curto prazo. Nesse sentido, a liberação dos recursos do FGTS é uma excessão. As demais medidas, como a Lei de Liberdade Econômica, Programa Mais Brasil e Reforma da Previdência afetam imediatamente a confiança dos agentes, mas apresentam impactos efetivos sobre o crescimento apenas no médio e longo prazos.

Na **economia do Rio Grande do Sul**, tivemos duas surpresas positivas em 2019: a elevada produtividade da colheita de grãos em relação à safra de 2018 e o bom desempenho da Indústria de Transformação no primeiro semestre. Para o encerramento do ano, estimamos que a economia gaúcha crescerá mais do que a brasileira, mas nos próximos deverá acompanhar o ritmo nacional.

A **indústria brasileira** iniciou o ano com a expectativa de voltar à trajetória de recuperação perdida no segundo semestre de 2018, quando entrou em processo de estagnação. Porém, essa situação perdurou durante todo o ano. O desempenho nacional foi afetado também pela queda na Indústria extrativa em função do desastre de Brumadinho. Por sua vez, a **indústria do Rio Grande do Sul** encerrou o primeiro semestre com forte crescimento, puxado pelo bom desempenho da fabricação de veículos automotores. No segundo, porém, o setor demonstrou um processo claro de desaceleração. A perspectiva para 2020, em linhas gerais, não é diferente do que se projetava para 2019: retomada do processo de recuperação, ainda que de forma lenta, gradual e sujeita a oscilações.

Mesmo completando o terceiro ano consecutivo de crescimento, as economias do Brasil e do Rio Grande do Sul no final de 2019 ainda operam muito abaixo do período pré-crise. Essa

ociosidade fica bastante clara quando analisamos o comportamento do mercado de trabalho e da taxa de inflação.

A atual conjuntura econômica brasileira e externa sugere inflação controlada e abaixo da meta para 2020. Diante desse quadro, a expectativa é de que a Taxa Selic continue no seu piso durante o próximo ano.

Já no mercado de trabalho brasileiro, foi verificada uma melhora em 2019, quando a taxa de desemprego caiu e houve geração líquida de empregos formais. Mesmo com essa evolução, a situação ainda é crítica: 12,5 milhões de desempregados, 27,5 milhões de pessoas subutilizadas, e 41,4 milhões de trabalhadores na informalidade. Além disso, apenas 40% das vagas com carteira perdidas na crise foram recuperadas, e a renda média dos ocupados não cresceu. No Rio Grande do Sul, o número de desempregados aumentou e, mesmo com a abertura de novas vagas, os empregos formais gerados não chegam a um terço dos extintos entre 2015 e 2017.

No **cenário base**, o crescimento esperado de 2,0% para o PIB em 2020 terá como principal vetor a continuidade do processo de expansão do mercado consumidor interno. A melhora na confiança dos consumidores – impactados pela liberação de recursos do FGTS – e a evolução positiva do mercado de trabalho, bem como as taxas de juros e inflação baixas proporcionam as condições para a aceleração do crescimento em 2020.

Além disso, após um longo período de elevada incerteza no campo político, a expectativa é de que 2020 seja um ano relativamente mais tranquilo nesse campo. A soma de crise política e econômica em 2015, 2016 e 2017, bem como as eleições em 2018, fez com que a influência do quadro político no econômico fosse acima do normal e afetasse não só o consumo como os investimentos. Dessa forma, estima-se que a retomada da Indústria da Construção contribuirá positivamente para o crescimento da economia após cinco anos de quedas.

O **cenário superior** é composto pela contribuição do setor externo para o crescimento. Mesmo com uma taxa de câmbio mais favorável ao exportador, a retração na demanda externa tem afetado o desempenho das exportações. Por fim, as previsões para o **cenário inferior** contemplam um crescimento menor do que o esperado na demanda interna e piora na demanda externa.

Acesse o trabalho completo em:

www.fiergs.org.br/numeros-da-industria/balanco-economico-e-perspectivas



INTERNACIONAL

<i>Produto Interno Bruto Real (% a.a.)</i>				
	2017	2018	2019*	2020**
MUNDO	3,8	3,6	3,0	3,4
AVANÇADOS	1,7	1,6	1,7	1,7
Estados Unidos	2,4	2,9	2,4	2,1
Zona do euro	2,5	2,3	1,7	1,7
Alemanha	2,5	1,5	0,5	1,2
França	2,3	1,7	1,2	1,3
Itália	1,7	0,9	0,0	0,5
Espanha	3,0	2,6	2,2	1,8
Japão	1,9	0,8	0,9	0,5
Reino Unido	1,8	1,4	1,2	1,4
Canadá	3,0	1,9	1,5	1,8
Outros avançados	2,9	2,6	1,6	2,0
EMERGENTES	4,8	4,5	3,9	4,6
Ásia Emergente	6,6	6,4	5,9	6,0
China	6,8	6,6	6,1	5,8
Índia	7,2	6,8	6,1	7,0
Europa emergente	3,9	3,1	1,8	2,5
Rússia	1,6	2,3	1,1	1,9
América Latina e Caribe	1,2	1,0	0,2	1,8
Brasil	1,1	1,1	0,9	2,0
México	2,1	2,0	0,4	1,3
Argentina	2,7	-2,5	-3,1	-1,3
Oriente Médio e Norte da África	2,3	1,9	0,9	2,9
África Subsaariana	3,0	3,2	3,2	3,6
<i>Inflação (% a.a. – fim de período)</i>				
	2017	2018	2019*	2020**
MUNDO	3,3	3,6	3,5	3,4
AVANÇADOS	1,7	1,6	1,7	1,7
Estados Unidos	2,2	1,9	2,2	2,4
Zona do euro	1,3	1,5	1,3	1,3
Alemanha	1,5	1,8	1,8	1,7
França	1,3	2,0	1,0	1,4
Itália	1,0	1,2	0,7	1,0
Espanha	1,1	1,2	0,7	1,1
Japão	0,6	0,8	1,6	0,2
Reino Unido	3,0	2,3	1,6	2,1
Canadá	1,8	2,1	2,2	1,9
Outros avançados	1,4	1,3	1,2	1,4
EMERGENTES	4,5	4,9	4,7	4,6
Ásia Emergente	2,7	2,3	2,8	3,0
China	1,8	1,9	2,2	2,4
Índia	4,6	2,5	3,9	4,1
Europa emergente	5,1	7,4	6,0	5,5
Rússia	2,5	4,3	3,8	3,7
América Latina e Caribe	5,9	7,1	7,3	6,0
Brasil	2,9	3,7	3,6	3,9
México	6,8	4,8	3,2	3,0
Argentina	24,8	47,6	57,3	39,2
Oriente Médio e Norte da África	7,3	11,1	7,9	8,9
África Subsaariana	10,2	7,9	9,0	7,4

Fonte: FMI. Projeções: Brasil – FIERGS/UEE. Demais Países: FMI.

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

BRASIL

	2018	2019*	2020**		
			Inferior	Base	Superior
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)***					
Agropecuária	0,1	1,1	0,8	1,8	3,5
Indústria	0,6	0,0	1,2	2,2	3,2
Serviços	1,3	1,4	1,5	2,0	2,8
Total	1,1	1,1	1,4	2,0	3,0
Inflação (% a.a.)					
IGP-M	7,6	5,1	3,2	4,1	6,4
INPC	3,4	3,1	2,6	3,6	4,3
IPCA	3,7	3,1	2,9	3,7	4,1
Produção Física Industrial (% a.a.)					
Extrativa Mineral	0,0	-7,8	3,4	4,1	5,0
Transformação	1,1	0,4	1,6	2,4	3,5
Indústria Total¹	1,0	-0,6	1,7	2,5	3,7
Empregos Gerados – Mercado Formal (mil vínculos)					
Agropecuária	2,2	2,5	2,5	8,1	16,7
Indústria	23,8	79,2	151,1	186,3	224,1
Indústria de Transformação	1,2	4,2	89,3	108,8	129,6
Construção Civil	11,4	64,3	44,7	55,7	67,5
Outras	11,2	10,7	17,0	21,8	27,0
Serviços	520,2	493,1	403,4	508,4	626,5
Total	546,2	574,8	557,0	702,8	867,3
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	11,6	11,6	11,7	11,2	10,9
Média do ano	12,3	12,0	12,3	11,6	11,3
Setor Externo (US\$ Bilhões)					
Exportações	236,2	222,5	206,5	221,5	231,7
Importações	181,2	181,3	183,1	193,2	203,9
Balança Comercial	55,0	41,2	23,5	28,3	27,8
Moeda e Juros (% a.a.)					
Meta da taxa Selic – Fim do ano	6,50	4,50	4,25	4,50	5,00
Taxa de Câmbio – Desvalorização (%) ²	17,1	7,1	-11,1	0,9	3,0
Taxa de Câmbio – Final do período	3,87	4,15	3,69	4,19	4,28
Setor Público (% do PIB)					
Resultado Primário	-1,6	-1,2	-1,2	-0,9	-0,7
Juros Nominais	-5,6	-4,9	-5,7	-4,7	-3,8
Resultado Nominal	-7,1	-6,1	-6,9	-5,6	-4,5
Dívida Líquida do Setor Público	54,1	56,9	60,7	58,7	55,9
Dívida Bruta do Governo Geral	77,2	80,8	85,4	81,6	81,3

¹ Não considera a Construção Civil e o SIUP

² Variação em relação ao final do período anterior

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

*** O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado

RIO GRANDE DO SUL

	2018	2019*	2020**		
			Inferior	Base	Superior
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)***					
Agropecuária	-6,4	6,2	0,2	1,2	3,5
Indústria	2,2	2,8	0,5	1,4	2,5
Serviços	1,5	2,0	1,2	2,0	3,0
Total	1,1	2,6	0,9	1,8	2,9
Empregos Gerados – Mercado Formal (mil vínculos)					
Agropecuária	-1,4	0,8	0,7	0,9	1,2
Indústria	1,5	-7,0	12,1	15,6	19,6
Indústria de Transformação	0,8	-2,8	7,6	10,1	13,0
Construção Civil	0,9	-4,0	4,0	4,7	5,4
Outras	-0,2	-0,2	0,5	0,8	1,2
Serviços	20,4	21,8	13,8	21,3	26,2
Total	20,5	15,6	26,6	37,7	47,1
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	7,4	8,4	8,4	8,1	7,5
Média do ano	8,1	8,4	8,5	8,2	7,6
Balança Comercial (US\$ Bilhões)					
Exportações	18,1	17,3	15,7	17,3	18,1
Industriais	12,2	12,2	11,2	12,3	12,8
Importações	11,3	10,6	10,1	11,0	11,4
Saldo Comercial	6,8	6,7	5,6	6,3	6,7
Setor Público (R\$ Bilhões)					
ICMS	34,7	36,2	37,6	38,2	38,8
Indicadores Industriais (% a.a.)					
Faturamento real	2,7	4,1	1,8	3,4	5,2
Compras	10,0	-1,2	2,4	4,2	5,5
Utilização da capacidade instalada	1,6	1,9	0,8	1,3	1,9
Massa salarial	-1,3	-0,4	0,8	1,7	2,3
Emprego	0,9	0,2	0,3	0,9	1,4
Horas trabalhadas na produção	0,0	-0,4	0,6	1,4	2,3
Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS	2,6	1,1	1,5	2,0	2,7
Produção Industrial¹ (% a.a.)	5,9	3,1	1,4	2,0	2,9

¹ Não considera a Construção Civil e o SIUP

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

*** O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado